

VOZ DO ESCRITOR

QUATRO POEMAS DE MARÍLIA GARCIA

— MARÍLIA GARCIA¹

ESTRELAS DESCEM À TERRA

começo do começo,
que foi quando me pediram
os poemas que leria no encontro
“a voz do escritor”:
ainda faltava 1 mês
para este encontro
e eu não tinha ideia do que aconteceria
entre o dia do convite e o dia
de estar aqui hoje

assim,
esta voz que fala aqui
é a voz de uma marília de um mês atrás
é a *minha voz* falando a partir do passado,
é a minha voz,
mas sem controle.

há um mês eu não tinha
como prever o que aconteceria
e eu pensei que se este mês
seguisse o ritmo acelerado
e catastrófico do último ano
tanta coisa já teria

[1] Referências bibliográficas:

GARCIA, Marília. *Um teste de resistores*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

GARCIA, Marília. *Câmera lenta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

acontecido hoje,
que me dava medo
imaginar.
e eu fiquei me
perguntando:
— com quem estou falando aqui hoje?
e eu fiquei me perguntando:
— como fazer para essas palavras escritas
no passado dizerem algo
sobre estar aqui
agora?
e eu não soube responder.

então, fiquei me perguntando
se hoje faria frio ou não,
e se haveria poeira no ar.
eu sempre me surpreendo
com a poeira que turva a vista:
de repente no meio do dia
uma poeira que se ergue,
uma nuvem
de poeira,
pode ser a poeira vinda das coisas quebradas
todos os dias na vida das pessoas
e eu pensei que talvez a gente pudesse
fazer silêncio
e deixar a escuta aberta
para ouvir.

talvez a gente pudesse fazer silêncio
e de repente neste silêncio
acontecer de ouvir *algo por detrás*
dos ruídos das máquinas que
cruzam o céu.

talvez não desse para ouvir as máquinas voadoras
neste dia,
foi o que pensei,
mas eu me enganei
porque hoje
desde cedo

os helicópteros estão voando.
— vocês estão ouvindo?
um som infernal
estrelas caindo do céu
em cima da cabeça
o som está cada vez mais perto,
posso encostar a mão
se me viro vejo a sombra
em câmera lenta
sobre a cabeça.

imaginem que isso aqui é um quadrado
com *drones* volantes,
ou uma cena congelada
com o céu cheio de zepelins,
mas o som é um só:
barulho de máquinas
voadoras
pelo céu.

se a gente prestar atenção e fizer silêncio
— se a gente prestar atenção e fizer
silêncio —
pode ser que ouça
alguma mensagem
perdida no ar.

(versão do poema “hola, spleen”, do livro *Câmera lenta*, 2017)

UMA EQUAÇÃO NO HYDE PARK

está chovendo no
hyde park hoje
e estou do outro
lado do hemisfério
sentada ao sol
com um gato
entre meus pés
que estão descalços

e levemente
avermelhados.

está chovendo no
hyde park hoje
e lembro de ter
andado num parque
de ângulos quadrados
com o menino da caixa
preta que tinha uma foto
de uma floresta nórdica
virada de ponta-cabeça na
parede do seu quarto
e que gostava de contar
até 24 depois de cruzar
o gradil.

a gente andava
no meio-fio e sentava
no parque e depois deitava e o
roupão preto felpudo
já na casa dele
e o *roommate* chamado
steve que amava
uma japonesa.

está chovendo no
hyde park hoje e não sei
o que dizer a ele
que agora está sentado
algumas mesas à frente
e que dentro de um filme
seria *alguém que diz sim*
mas não estou dentro de um
filme — ouço a voz em eco
no buraco do real —
e me refaço pensando
que podia contar
que o gps funcionou
e indicou o ponto de encontro
mas a mensagem

só chegou depois.

está chovendo no
hyde park hoje
e podia contar que meu
coração tinha sido arrancado
pela boca e que estava
esquecido sobre uma pedra
com o sangue
ainda quente.

sim, está chovendo
no hyde park
e ao inferno
já desceram
um ou dois
ou
três
mas ele
há de subir
atravessando as curvas,
o belvedere, os espaços dirigíveis
"ogni speranza lasciate
voi che entrate"
— *há mundo por vir?*
ele pergunta antes de passar
e leva na mão
um gravador
e nós cruzamos o olhar
— só por um segundo —
e não lembro mais
desse dia
mas depois o
mesmo olhar
volta à memória
como a interferência
de uma voz saindo
do carro em movimento
pela ladeira.

está chovendo no
hyde park e aquele par
de olhos encontra os meus,
e esse cruzamento
de olhares me distrai
por um momento
da equação.

(do livro *Câmera lenta*, 2017)



Marília Garcia autografando livros no fim do evento.

Crédito da imagem: Aryanna Oliveira

É UMA *LOVE STORY* E É SOBRE UM ACIDENTE

primeiro, a cena congelada.
um dedo pousa no vidro,
a tela vibra.

you remember what
disse na hora? você gritou? doeu?
você lembra do que aconteceu?
— a curva, a chuva, um clarão.

you remember what she said at the time
that the car slipped?
três horas na chuva esperando,
a curva, o estrondo — você lembra?
você entre as ferragens
perguntando o que houve.

(mas isso é um acidente
e é sobre uma *love story*)

love, she says, is a special effect,
pensa que viu tudo
mas quando acende a luz
os pontos
cegos se espalham:

uma fossa abissal, uma nuvem
de distância e uma cidade chamada vidro ou
vértice

volpi ou verdi.

love is someone entering
the geometry of her hand.
neste momento atravessa o corredor:
— *there is no more between us,*
de onde o timbre da sua voz
um efeito-estertor.

love is this, she says, not a crow,
but a red impermeable hanging
in the window from another poem
to touch her screen.

é você comendo o que sobrou
depois do estrondo.

“é difícil olhar as coisas
diretamente”,
elas são muito luminosas
ou muito escuras

2/3 deste país são feitos de água
e sempre que se vira, um
afogamento.

apenas um mergulho
dizia a imagem. *vamos ver o deserto,*
andar pelo centro do mundo?

mas isso é um dicionário
e é sobre uma *love story*.

(do livro *Câmera lenta*, 2017)

ORDEM ALFABÉTICA

já falei em algum canto
sobre este poema
[“a garota de belfast ordena a *teus pés*
alfabeticamente”]
então começo de novo
queria contar como foi o *começo*
beginning again
contar como comecei a escrever
este poema
peguei o livro *a teus pés*
e reordenei os versos
em ordem alfabética
depois peguei uma personagem do joseph brodsky
que estava em belfast
dangerous town ele diz
ela tinha os cabelos curtinhos

para que menos partes suas sofressem
 quando alguém a machucasse
 a garota de belfast fez o poema
 recortando os versos de ana c. que começavam
 com a letra *a*
 hoje é dia 18 de dezembro de 2013
 e estamos imersos em listas e mais listas
 que seguem enumerando os acontecimentos do ano
 os maiores feitos e os melhores
 isso foi o que eu disse para ela
 mais cedo quando o telefone tocou
 e estávamos as duas soterradas em tantas
 listas

o som ao redor é um grande filme
 ela disse e eu concordei
 mas não queria saber de listas
 eu disse e pensei que hoje
 é dia 18 de dezembro de 2013
 e estou mais para outro tipo de enumeração
 em ordem alfabética
 escolha um livro de que você goste
 e ordene alfabeticamente

a garota de belfast ordena a *teus pés* alfabeticamente

98 voltas pelo parque antes de cair em
 círculos sobre o próprio peso
 98 vezes dizia o mesmo:
you can't think or not think in anything
definitive. parecia a garota de belfast com
 sua memória dobrada como um paraquedas
 dentro do tecido eletrizado.

enquanto falava descia a
 escada lateral recortando os ruídos
 da orquestra. a roda da bicicleta
 girando em *loop* esfarelando os
 reflexos no ar e seis horas parada diante
 do ralo, *you can't think or not think in anything*, sentada na beira do
 quarto. olha de longe quando o carro
 passa, desce à noite pelos trilhos
 quando tudo é uma vingança

fala de pontes atravessando os túneis
da cidade e ordena *a teus pés*
alfabeticamente

a anoitecer sobre a cidade
a câmara em rasante
a correspondência
a curriola consolava
a dor
a espera
a intimidade era teatro
...
a tomar chá, quase na borda
a voz em off nas montanhas
abre a boca, deusa
abria a cortina
acho que é mentira

pode ou não pensar que era sua voz em mountain hill
a uma velocidade de 1 km/h ou mil. antes
de voltar para a irlanda já começara a perder. entende
que só depois de o blindex esfarinhado contra a
cabeça, só em poucos segundos até que a cabeça
contra o blindex, mas era apenas parte
do trajeto, não tinha como calcular as noites ou linhas
em que passaria.

“como extrair o áudio de uma imagem
congelada” era a etiqueta que colava nas paredes
para tentar descobrir como chegar com precisão
e ao fundo a voz pela fresta
a ordenar este livro:

agora nessa contramão
agora chega
agora é a sua vez

agora estamos em movimento
agora pouco sentimental
agora sou profissional
água

água na boca
agulhadas
ou vertigem das alturas. você pode acordar trinta anos
depois com a imagem ainda mais viva
quando o quarto está às cegas
as cartas
as cartas, quando chegavam
as lupas desistem
as mulheres e as crianças
asas batendo
atravessa a ponte
atravessando a grande ponte
atravessa vários túneis da cidade
autobiografia. não, biografia
aviso que vou virando um avião
azul deixo as chaves soltas no balcão
azul que não me espanta

(do livro *Um teste de resistores*, 2014)

MARÍLIA GARCIA – Formada em Letras e doutora em Literatura Comparada, é poeta, tradutora e editora brasileira. Publicou os livros *20 poemas para o seu walkman* (Cosac Naify, 2007), *Engano geográfico* (7Letras, 2012), *Um teste de resistores* (7letras, 2014), *Paris não tem centro* (7letras, 2015), e *Câmera lenta* (Companhia das Letras, 2017).